XXXIII Congresso de Iniciação Científica da Unicamp
2025

PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR: FATORES QUE INFLUENCIAM A EVASÃO DE GRADUANDOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Palavras-chaves: Evasão, estudantes indígenas, permanência.

Autores(as):
Ellem Raquel Assunção da Silva, FE-UNICAMP
Profª. Drª Daniele Pompei Sacardo (Orientadora), FCM-UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A pesquisa foi motivada pela necessidade de compreender, de forma mais profunda, os fatores que influenciam a permanência ou a evasão de estudantes indígenas no ensino superior. Ao valorizar as narrativas e vivências desses estudantes, o estudo se comprometeu com uma escuta sensível e crítica, reconhecendo os desafios enfrentados ao longo da trajetória universitária. Dessa forma, buscou-se contribuir para a produção de conhecimento que respeite a diversidade étnico-cultural presente nas universidades públicas, além de analisar as estratégias que favorecessem a construção de espaços universitários mais inclusivos e acolhedores à diversidade, reconhecendo e valorizando as experiências e transformações vividas por esses estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica.

OBJETIVO GERAL:

Investigar os fatores que influenciam a evasão de estudantes indígenas dos cursos de graduação na Universidade Estadual de Campinas, com foco nas políticas de permanência estudantil e nos desafios enfrentados por esses estudantes no contexto do ensino superior.

METODOLOGIA:

A metodologia utilizada foi qualitativa, com base em entrevistas realizadas com quatro estudantes indígenas de diferentes etnias, sendo elas (Baré, Tukano e Kotiria), todos oriundos da cidade de São Gabriel da Cachoeira no Amazonas. Esses participantes, matriculados em diferentes cursos da Unicamp, compartilharam suas experiências acadêmicas, pessoais e culturais, permitindo que o estudo investigasse não apenas os fatores que contribuíram para a evasão, mas também as mudanças ocorridas em suas vidas ao longo da vivência universitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise das entrevistas foi realizada com base na “análise temática”, conforme proposto por Beaud e Weber (2007), por meio da qual se buscou identificar categorias temáticas emergentes nas falas dos participantes. Na pesquisa foram identificadas sete categorias. São elas: Desafios Econômicos, Dificuldades Acadêmicas, Barreiras Institucionais, Fatores Psicossociais, Discriminação e Violência, Conflitos identitários e culturais e Motivação e Projeto de vida.

Com base nessas categorias conseguimos identificar que a defasagem na formação básica, somada à suposição de que todos os estudantes têm o mesmo nível de conhecimento, coloca os indígenas em desvantagem. Essa desigualdade se manifesta nas dificuldades de acompanhar disciplinas e na insegurança em participar das aulas, especialmente em cursos com grande exigência técnica ou teórica. Os entrevistados relataram sentimentos de frustração, dúvida quanto ao curso escolhido e desmotivação. Contudo, a presença de professores sensíveis e acolhedores surge como elemento positivo, contribuindo para o fortalecimento da autoestima, a participação ativa e a sensação de pertencimento no ambiente acadêmico.

A universidade, mesmo com recursos importantes, ainda falha em garantir acesso equitativo aos serviços. O apoio psicológico é insuficiente e, quando prestado de forma insensível, agrava o sofrimento de quem busca ajuda. A moradia estudantil, apesar de ser essencial, também apresenta limitações, como conflitos, falta de privacidade e dificuldades de convivência. Além disso, faltam espaços institucionalizados que respeitem e incorporem as especificidades culturais indígenas. A pressão por desempenho, a solidão, o afastamento da rede de apoio familiar e o impacto emocional do ambiente universitário provocam sofrimento psíquico profundo. A evasão, nesses casos, é consequência não apenas das condições externas, mas também de um desgaste interno intenso. Depoimentos revelam sintomas como crises emocionais, ansiedade e até comportamentos de fuga. A pesquisa também mostra que práticas de cuidado ancoradas em saberes indígenas são eficazes e devem ser valorizadas como parte de uma abordagem mais sensível e integrada ao bem-estar dos estudantes.

As experiências de racismo e exclusão, tanto diretas quanto sutis, são recorrentes. A presença indígena é frequentemente invisibilizada ou desvalorizada, o que compromete o sentimento de pertencimento e eleva o risco de evasão. Os entrevistados relataram episódios de exclusão social, preconceito institucional e agressões simbólicas. Mesmo existindo setores e pessoas dentro da universidade que promovem inclusão, ainda há resistência e manutenção de práticas discriminatórias.

O afastamento de sua cultura de origem, somado à lógica eurocentrada da universidade, provoca conflitos identitários. Os estudantes indígenas enfrentam um processo de adaptação que, muitas vezes, exige renunciar ou esconder aspectos de sua identidade. O choque cultural é agravado pela ausência de espaços que valorizem seus modos de vida. Nesse cenário, os coletivos indígenas atuam como redes de apoio fundamentais, funcionando como territórios de resistência, acolhimento e reconstrução da autoestima.

Por fim, a motivação para continuar os estudos está diretamente ligada aos projetos de vida individuais e coletivos. A vivência universitária possibilita descobertas, fortalecimento da identidade indígena e engajamento em causas sociais. Apesar das dificuldades, a universidade também é percebida como espaço de transformação, aprendizado e reconstrução de trajetórias. O apoio de amigos, coletivos e espaços de acolhimento foi essencial para a superação dos desafios,

reforçando que a permanência vai além da questão acadêmica: ela está profundamente conectada à construção de sentido, pertencimento e resistência.

CONCLUSÃO:

Conclui-se que a evasão de estudantes indígenas no ensino superior não pode ser compreendida apenas como uma decisão individual ou um fracasso pessoal, mas como resultado de múltiplas vulnerabilidades estruturais. Os relatos analisados demonstram que, embora existam políticas de permanência, elas muitas vezes falham em atender de forma eficaz e sensível às especificidades desses estudantes. A permanência com dignidade exige mais do que acesso: demanda ações concretas que enfrentem desigualdades históricas e respeitem a diversidade dos contextos socioculturais.

Os coletivos indígenas e outras redes de apoio exercem um papel fundamental nesse processo, contribuindo para o fortalecimento da identidade, do pertencimento e da resistência dentro da universidade. São esses espaços que muitas vezes sustentam emocionalmente os estudantes e permitem a construção de trajetórias possíveis, mesmo diante de tantos obstáculos. A resiliência demonstrada por muitos revela não apenas força individual, mas também a potência coletiva de quem se organiza para permanecer e transformar

Portanto, repensar o papel da universidade na promoção do direito à educação dos povos indígenas é uma tarefa urgente e inadiável. Isso implica garantir não apenas o ingresso, mas principalmente a permanência com autonomia, respeito e reconhecimento. As experiências apresentadas nesta pesquisa não encerram o debate, mas abrem caminhos importantes para a formulação de políticas e práticas mais inclusivas, capazes de fortalecer a presença e o protagonismo indígena no ensino superior.

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Ministério da Educação. *Comissão Especial de Avaliação da Evasão nas Universidades Públicas*. Brasília: MEC, 1995.

PEREIRA, M. C. T. *A evasão no ensino superior: conceituação, tipologia e fatores determinantes. Brasília*: INEP/MEC, 1995.

GUAJAJARA, Sônia. *Educação indígena: uma luta por autonomia e respeito*. In: CUNHA, M. C. (org.). *Povos indígenas no Brasil*: 2001-2016. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2016. p. 187-192.]

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KANASHIRO, Mieko. *Diversidade cultural e educação: o desafio da interculturalidade no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2013.